

MITOS DE CRIAÇÃO E SUAS GENERALIZAÇÕES

CREATION MYTHS AND THEIR GENERALIZATIONSDavid de Jesus Costa¹**RESUMO**

O presente trabalho parte das ideias de Joseph Campbell (1990) para propor uma leitura panorâmica dos mitos de criação, especialmente aqueles presentes na tradição grega e judaico-cristã. Campbell nos fornece o conceito de 'Ideias de Base', que nos permite perceber estruturas arquetípicas e simbólicas que atravessam culturas e narrativas. A fim de compreender como essas ideias arquetípicas se manifestam simbolicamente, mobilizamos, como suporte analítico, os conceitos de signo proposto por Peirce, conforme interpretados por Santaella (1986). A proposta não é um aprofundamento semiótico, mas uma aplicação pontual de suas categorias à leitura dos símbolos presentes nos mitos.

PALAVRAS-CHAVE: Mitos; Ideias de Base/Arquétipos; Símbolos; Crenças.

ABSTRACT

This work draws on the ideas of Joseph Campbell (1990) to propose a panoramic reading of creation myths, especially those found in the Greek and Judeo-Christian traditions. Campbell provides us with the concept of 'Foundational Ideas', which allows us to identify archetypal and symbolic structures that transcend cultures and narratives. In order to understand how these archetypal ideas manifest symbolically, we employ, as an analytical tool, the concept of the sign as proposed by Peirce, according to the interpretation offered by Santaella (1986). The aim is not to undertake a thorough semiotic analysis, but rather

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

dico1972@gmail.com

<https://lattes.cnpq.br/3654240397529960>

<https://orcid.org/0000-0003-2783-2758>

v. 15, n. 1,

Building the way

to apply Peirce's categories in a focused way to the interpretation of symbols within these myths.

KEYWORDS: Myths; Core Ideas/Archetypes; Symbols; Beliefs.

Considerações iniciais

Este trabalho propõe uma análise comparativa de dois mitos de criação — um da tradição grega e outro da tradição judaico-cristã — com o objetivo de identificar suas ideias fundamentais à luz da obra de Joseph Campbell (1990).

Considerando o conceito de *Ideias de Base*, desenvolvido por Campbell, buscamos compreender como certas estruturas simbólicas e arquetípicas se repetem em diferentes culturas e narrativas míticas. Para interpretar o aspecto simbólico desses temas, recorreremos, de forma complementar, à teoria semiótica, especialmente à leitura das categorias de signo proposta por Santaella (1986) a partir de Peirce.

A análise será dividida em sete seções. Na seção 2, apresentamos brevemente os conceitos de mito e mitologia, com o intuito de situar o leitor no campo teórico sem, contudo, aprofundar definições. A seção 3 é dedicada ao pensamento de Campbell, com ênfase no conceito de *Ideias de Base* e em sua compreensão do símbolo. Nessa mesma seção, introduziremos de forma pontual a teoria semiótica, como apoio para relacionar os temas míticos aos seus respectivos símbolos.

Na seção 4, apresentamos os mitos que serão analisados, contextualizando cada narrativa para familiarizar o leitor com seu conteúdo e indicar o método interpretativo adotado. Em seguida, na seção 5, tratamos separadamente de cada uma das narrativas, apoiando-nos em autores especializados para compreender a cosmovisão de cada tradição cultural.

Na seção 6, aplicamos os conceitos de Campbell à análise comparativa, buscando os elementos universais presentes nas duas narrativas. Por fim, utilizamos a Semiótica como ferramenta auxiliar para interpretar como os símbolos expressam, em cada mito, sentidos culturais e espirituais distintos.

A conclusão, apresentada na seção 7, resume os resultados alcançados, verificando em que medida as *Ideias de Base* de Campbell se confirmam nas narrativas analisadas e quais significados simbólicos emergem de cada uma.

Building the way

O Que é Mito e Mitologia²?

Usados para explicar a realidade, os mitos narram fatos carregados de muita simbologia, personagens sobrenaturais, deuses e heróis: esses são, em princípio, os elementos centrais que compõem as narrativas míticas. Além desses elementos, observa-se a presença de fatos reais, traços humanos e personagens que realmente existiram — ou seja, há uma correlação com eventos verídicos (Gusdorf, 1979, p. 23).

Todo mito tem caráter simbólico, isto é, tenta explicar a origem do mundo por intermédio de histórias sagradas e do homem através de personagens sobrenaturais. Logo, não podemos confundir mito com contos de fadas e lendas. Na visão de Eliade, em seu livro *O Mito do Eterno Retorno* (1949), explora a função do mito na sociedade tradicionais e arcaicas. Para o autor, o mito tem função de explicar e fundar: tal narrativa revela como o mundo e as práticas humanas surgiram, oferecendo um referencial seguro para o presente.

Além disso, Campbell comunga com Eliade. Ambos veem o mito como um elemento essencial da experiência humana, que transcende culturas e épocas, com uma função estruturante e significativa. E divergem quando Eliade diz que o mito é essencialmente sagrado e coletivo e Campbell embora reconheça elementos religiosos, ele vê o mito como uma expressão simbólica da psique humana individual.

Para falar de uma mitologia do mundo, Campbell (1990, p.34) apresenta o exemplo da terra vista da lua, ou seja, não conseguimos ver divisões das nações nem dos Estados. Isso representa, claramente, o que se pode entender por símbolos de uma mitologia futura. É a nação que desejamos celebrar, esse será o ideal de uma humanidade unificada.

A Visão sobre Mito e os Conceitos de Simbologia e Semiótica O mito na Perspectiva de Campbell

Visão sobre Mito e os Conceitos de Simbologia e Semiótica. A mitologia pode ser entendida como conjunto de histórias sobre a sabedoria da vida. Infelizmente, o que se ensina hoje nas escolas, segundo Campbell (1990, p. 10), é tudo menos sabedoria de vida. Ele entende que aprendemos tecnologias, acúmulo de informações. Quando o filósofo (p. 12, 13) diz que a mitologia representa a sabedoria da vida, significa que ele tem muito a ver com os estágios da vida, as cerimônias de iniciação

²Sobre mitologia, pode-se dizer que representa histórias de personagens sobrenaturais, cercados de simbologia e contendo status de deuses, semideuses e heróis, possuidores de superpoderes como reger as forças da natureza, comandar raios, rios, céus e terras, sol e lua. Sendo assim, são o conjunto de narrativas que explicam a origem dos mitos, de divindades, lugares sagrados etc.

Building the way

(passagem do estado de infância para a responsabilidade, do estado de solteiro para casado). Não são somente rituais, mas são ritos mitológicos, revelam um novo papel que cada indivíduo tem a desempenhar, jogamos fora o que é velho e abraçamos o novo, assumindo assim uma função de responsabilidade diante da sociedade. Por exemplo, alistamento militar, vestir um uniforme militar é um dos diversos serviços mitológicos que representam o servir à sociedade.

Quando ele fala de mitos como modelo de vida, significa que os modelos têm que ser adaptados aos tempos modernos, já que o que era aceitável há cinquenta anos atrás não é aceito mais hoje. Ou seja, os vícios do passado não são os de agora. Pois os vícios do passado podem ser as necessidades de hoje. A ordem moral precisa se harmonizar com as necessidades morais da vida atual, isso porque vivemos inseridos na cultura do aqui e agora. Logo, se você aplica valores passados aos tempos atuais, acaba pecando, pois tal atitude não criaria uma sincronia com o relógio histórico.

Sobre simbologia, para Jung (2008, p. 117, 118), existem dois tipos de símbolos a serem estudados: os naturais e os culturais. Sobre os primeiros, ele dirá que são aqueles que derivam dos conteúdos inconscientes da psique e, por isso, representam uma variedade enorme de arquétipos essenciais. Já os símbolos culturais são aqueles utilizados para falar de *verdades eternas*, são, com frequência, usados nas mais diversas religiões no mundo. Elas possuem a capacidade de se tornarem imagens coletivas pelas sociedades civilizadas. Por exemplo, a Mandala, que vem do Sânscrito e significa *Círculo Sagrado*, foi mencionada pela primeira vez por Jung em 1916, logo após ele escrever *Sete Sermões aos Mortos*. Na época, ele fez desenhos de mandalas e comentou que não entendia exatamente o que eram. Mais tarde, em 1918 e 1919, ele começou a desenhar mandalas todas as manhãs em um caderno de anotações. Durante um período em que cuidava de pacientes de guerra, esses desenhos passaram a ter um significado especial para ele, refletindo as mudanças que aconteciam em seu estado emocional. Nas culturas orientais, as mandalas são usadas para marcar a passagem entre o mundo material e o espiritual. Além disso, na natureza, encontramos muitas representações que lembram mandalas, o que mostra que esses símbolos estão presentes em muitos lugares ao nosso redor. E é dessa última que iremos trabalhar em nossa análise.

Semiótica

Para aprofundar a análise dos elementos simbólicos presentes nas narrativas míticas, especialmente no que diz respeito às *ideias de base* identificadas por Campbell (1990), torna-se necessário recorrer a uma

Building the way

ferramenta teórica que permita compreender como esses significados são construídos e representados. Nesse sentido, a Semiótica oferece um instrumental conceitual valioso, ao tratar dos modos de produção e funcionamento dos signos no processo de significação.

A inserção da teoria semiótica neste trabalho não tem como objetivo um exame técnico ou aprofundado da obra de Peirce, mas sim a aplicação pontual de algumas de suas categorias fundamentais — especialmente aquelas interpretadas e sistematizadas por Santaella (1986). A partir dessas categorias, buscamos entender de que maneira os mitos, enquanto narrativas simbólicas, articulam conceitos universais por meio de signos que expressam realidades humanas, culturais e espirituais de forma indireta e codificada.

A Teoria Peirciana

Ao definir a teoria, Santaella (1986, p. 15-17) descreve a *Semiótica como a ciência que objetiva investigar todas as linguagens possíveis e que examina os modos de constituição de todo fenômeno (que envolva linguagem) como fenômeno de significado e sentido*. Para ela, seu campo de indagação é tão extenso que, desde a descoberta da estrutura química do código genético (DNA), aquilo que classificamos por vida não é nada mais nada menos do que uma espécie de linguagem, já que a vida depende da existência de informação do sistema biológico.

Segundo (Santaella, 1986, p. 33-36), ao falar da visão científica de Peirce, a autora dirá que ele é um evolucionista, não é nem um mecanicista, nem um materialista, já que, na sua visão, materialismo sem idealismo é cego, idealismo sem materialismo é vazio. Peirce não se reconhecia como um evolucionista idealista, mas se autodenominava um idealista objetivo.

O que, na verdade, ele professava era que *O Universo* está em constante expansão. Mas esse crescimento se dá em bases lógicas radicalmente triádico. Ele entendia que as leis da natureza não eram absolutas, porém, evolutivas, sendo assim, elas apresentam um caráter puramente dinâmico. Já os princípios científicos podem somente ter fórmulas rigorosas, entretanto devem ser provisórias, isto é, devem estar sujeitas a mudanças contínuas. O quadro abaixo representa o edifício filosófico peirceano.

Quadro Sinótico do Edifício Filosófico Peirceano	
I- Fenomenologia	
II- Normativa	I- Estética
Ciência	

Building the way

	2- Ética	
	3- Semiótica ou Lógica	3.1- Gramática Pura 3.2- Lógica Crítica 3.3- Retórica Pura
III- Metafísica		

Fonte: Santaella (1986, p. 27)

Semiótica ou Lógica tem por função, segundo Santaella (1986, p. 29), classificar e descrever todos os tipos de signos logicamente possíveis. O que parece é que ela possui uma ascendência sobre todas as outras ciências, visto que todas elas são possuidoras de uma linguagem. No entanto, Peirce não pensava assim, ele entendia que as ciências deviam ficar a cargo do próprio praticante, sendo conduzidos apenas pelos métodos e pensamentos utilizados pelas variadas ciências (Santaella, 1986, p. 29-30; apud Peirce, 1931-1938).

Segundo Santaella (1986, p. 36-37), Peirce entendia que o primeiro passo de um trabalho filosófico é fenomenológico. O filósofo deve, em primeiro lugar, criar as categorias que apresentam a função de realizar o trabalho mais radical das experiências possíveis. Desconsiderou as categorias aristotélicas, que tinham um caráter mais linguístico, e utilizou as categorias kantianas, já que elas apresentam características mais lógicas.

Já, com Hegel, manteve uma relação contraditória. Isso porque desprezava o idealismo absoluto, porém o considerava *o maior dos filósofos que já existiu*. É importante ressaltar que o pensamento de Peirce não é uma cópia do hegeliano. Sobre isso, o próprio Peirce disse o seguinte: “Embora meu método apresente uma similaridade muito geral com o de Hegel, seria historicamente falso considerá-lo uma modificação do método hegeliano. Ele veio à luz, através do estudo das categorias kantianas e não das hegelianas” (Santaella, 1986, p. 36-37).

Categorias Peircianas

Em 1867, o filósofo denominou as categorias da seguinte forma: (1) Quantidade, (2) Relação, (3) Representação. Algum tempo depois o termo Relação foi substituído por Reação e o termo Representação recebeu a denominação mais ampla de Mediação. Mas, para fins científicos, Peirce preferiu fixar-se na terminologia de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, por serem palavras inteiramente novas, livres de falsas associações a quaisquer termos já existentes.

Building the way

O Signo na Concepção de Peirce

Até o momento, foi possível depreender que toda experiência é composta de três elementos. Tais elementos são as categorias que universalizam o pensamento e a natureza. Resumindo de uma forma geral, terceiridade é a categoria que une a primeira e a segunda numa síntese intelectual, daí retiramos a camada de inteligibilidade ou pensamento de signos. Ou seja, é por meio da síntese das duas primeiras categorias que se dá a origem da terceira. Dessa forma, representamos e interpretamos o mundo.

Portanto, quando estamos diante de qualquer fenômeno seja para conhecê-lo e compreendê-lo, a consciência constrói signos, melhor dizendo, um pensamento mediador entre o eu e o fenômeno. Por isso, o homem se torna conhecedor do mundo, porque é capaz de representá-lo e só interpreta essa representação a partir de outra (representação) que Peirce denomina interpretante. Daí tem-se que o signo é o conhecimento de uma coisa que depende de conhecer o objeto do signo, ou seja, tudo aquilo que é representado pelo signo. De tudo isso, podemos dizer que o signo é o primeiro elemento, o objeto o segundo e o interpretante o terceiro: para conhecer o homem se faz signo e só interpreta esses signos traduzindo-os em outros signos.

Santaella (1986) dá como exemplo a ação de uma pessoa ao tentar esclarecer o significado de uma palavra qualquer, ela terá que recorrer a outra palavra que seja capaz de substituir a anterior. Para isso, basta que ela recorra ao dicionário e descubra o significado do vocábulo desejado (Santaella, 1986, p. 70). Depois de expor a divisão lógica e microscópica das partes que compõem todo e qualquer signo, o filósofo apresenta suas classificações triádicas (isto é, três a três) dos possíveis signos.

Ele cria então as 10 divisões triádicas. Não faz sentido, porém, entrarmos aqui em tal nível de detalhamento.

Basta apontarmos para o fato de que um exame mais minucioso dessas classificações pode nos habilitar para a leitura de todo e qualquer processo sígnico, desde a linguagem indeterminada das nuvens que passeiam no céu, ou as marcas multiformes e cambiantes que as ondas do mar vão deixando na areia, até uma fórmula a mais abstrata, de uma ciência exata (Santaella, 1986, p. 83-84).

Building the way

Na tabela abaixo, podemos observar a relação do signo consigo mesmo (1°), do signo com seu objeto dinâmico (2°) e do signo com o interpretante (3°).

Signo 1° em si mesmo	Signo 2° com seu objeto	Signo 3° com seu interpretante
1° quali-signo	ícone	rema
2° sin-signo	índice	dicente
3° legi-signo	símbolo	argumento

Daí temos que o signo, na sua relação com o objeto, aparecendo apenas como uma qualidade somente poderá ser considerado por todos nós como ícone. Ou seja, toda qualidade, na verdade, não representa nada.

Falando agora sobre secundidade, pode-se dizer que uma coisa que está diante de nós como existente singular, material aqui e agora, é um sin-signo. Ou seja, qualquer coisa concreta ou real é infinitamente determinada como algo que pertence ou está no mundo. Sobre terceiridade, Santaella (1986, p. 91-92) diz isso: “Sendo uma lei, em relação ao seu objeto, o signo é um símbolo. (...) extrai o seu poder de representação porque é portador de uma lei que, por convenção ou pacto coletivo, determina que aquele signo representa o seu objeto.”

Portanto, podemos dizer que símbolo representa não algo singular, mas um tipo geral. Logo, segundo Peirce, um símbolo não pode expressar um objeto particular, já que sua função é denotar uma espécie (um tipo único). Não só isso, ele é uma espécie e não uma coisa qualquer.

Material e Método

Pretendemos, neste trabalho, realizar um estudo comparativo entre os textos míticos judaico-cristão e grego, buscando compreender o que Campbell (1990) define como *ideias de base* — elementos fundamentais que perpassam diferentes narrativas, apesar de suas roupagens culturais distintas. Segundo o autor, essas variações decorrem do fato de que todo indivíduo, ao integrar uma sociedade, passa a pensar e agir de forma coletiva, em consonância com seus pares. No entanto, mesmo em meio à diversidade de formas, é possível identificar estruturas simbólicas recorrentes que apontam para conteúdos invariáveis presentes em todo mito.

Ao tratar do mito da criação, não nos limitaremos exclusivamente ao ato criador em si, mas também abordaremos subtemas

Building the way

recorrentes, como o Criador Supremo, a figura feminina, o conhecimento e a separação entre o divino e o terreno (céu e terra).

Para aprofundar a análise desses temas, especialmente em seu aspecto simbólico, utilizaremos os conceitos da Semiótica. A abordagem teórica será fundamentada na leitura que Santaella (1986) faz das três categorias peirceanas — ícone, índice e símbolo — como ferramentas que possibilitam compreender como os mitos representam o mundo por meio de signos.

Análise dos Textos Míticos Compreendendo o Mito de Criação dos Gregos.

Na Teogonia de Hesíodo, Jaa Torrano (1991, p. 15) diz que esse mito pré-figura o pensamento racional que envolve a ideia de arkhé, ou seja, a inauguração, a constituição que guiam a experiência da palavra poética. É na Grécia dos séculos VIII-VII a.C. em que ocorrem as transformações essenciais de instituições sociais e culturais que mudaram as condições da existência humana, como, por exemplo, o surgimento da pólis grega, o alfabeto e a moeda. Entretanto, a poesia hesiódica é anterior a esses momentos históricos.

Sobre o mito grego propriamente dito, segundo Jaa Torrano (1991, p. 43), existem, na Teogonia, dois modos de representar a procriação: (1) uma se refere à união amorosa e (2) a outra, à cissiparidade. Os primeiros seres surgem pela ação por cissiparidade, ou seja, através da bipartição uma deidade dá origem a dois outros seres, mas há a permanência do ser criador. Logo, é dessa forma que Kháos dá origem à Éreos e o Mar infértil (VV. 126-32). Porém, há a exceção, isso porque Éter e Dia nascem de Kháos sem ser por cissiparidade. A explicação é que, como tudo que Kháos gera é não-ser, ambos compreenderiam o ser propriamente dito, teríamos a ideia de positivo naquele e de luminoso neste. Nesse caso, eles são gerados por união amorosa. Estas oposições espetaculares fazem o jogo de mundivisão (Ser e Não-ser) apresentada na Teogonia: Éreos-Éter, Noite-Dia. Esses dois princípios são congruentes à sensibilidade e à visão dos gregos, logo, para Jaa Torrano (1991, p. 45), são as duas forças motrizes da Teogonia hesiódica.

Segundo Jaa Torrano, na Teogonia, a construção do Cosmos apresenta três fases que serão aqui expostas a seguir. O primeiro momento diz respeito às Origens e, nesta fase, a força fecunda do Céu prevalece, por causa do seu forte desejo por amor, sendo consumado através da cópula. As funções exercidas pelo Céu são (1) fecundar toda a Terra e (2) servir para os deuses como assento recorrentemente seguro. Nessa perspectiva, a Terra apresenta-se em estado fecundo. E o céu então exerce as duas funções de forma concomitante, fazendo vir à existência os

Building the way

deuses criados por ele. Assim, nas Origens as fontes constitutivas são a Terra e o Céu com sua força procriadora Éros, que une e seu contrário, o Caos, que tem como força a negação, a cisão.

A segunda fase é compreendida como o reinado de Crono, que apresentava o poder de curvo pensar, sempre disfarçado. Crono possui uma primeira função que é a de podador. A mando de Géia(a mãe), ele poda os testículos do pai (Urano). Do sangue do pai caído sobre a terra (Geía) nascerá toda uma geração monstruosa; do esperma do pai caído no mar (uma bela espuma), nascerá, a mais bela, Afrodite, a representação da fertilidade da terra e das gerações subsequentes. Urano, potestade irá se tornar a partir daí impotente. Não pode mais governar. Crono sabia, por uma profecia, que, mesmo dotado de extremo poder, seria destronado por um de seus filhos — filhos de Réia, epíteto da Terra. Sendo sabedor de seu destino de pouca fortuna, Crono estava sempre atento, pois entendia que seu reinado dependia de uma vigilância constante. Portanto, ele tinha por atividade tocar e engolir os filhos recém-nascidos. Porém, desta vez, Crono será enganado pela mulher (Réia) que lhe oferece uma pedra envolta num pano, no lugar do recém-nascido, Zeus.irá vencê-lo e aprisioná-lo no Hades. Assim, Zeus passará a ser o único no poder e terá oito uniões divinas (mais ou menos 16 filhos) e quinze uniões humanas (mais ou menos 24 filhos). Explicando melhor, o reinado de Zeus está centrado na plenitude de poderes, ou seja, centrado em si a Totalidade Cósmica (Jaa Torrano, 1991, p. 51-53).

Na terceira fase cósmica, pode-se dizer que o reinado de Zeus não implica a destruição e aniquilação dos reinos de Crono e do Céu, pelo contrário, o que ocorre é uma limitação dos dois primeiros que são tomados pelo todo-poderoso, dessa forma, temos uma ideia de Totalidade Cósmica. Ou seja, no reinado de Crono, Céu continua com a mesma função, já, no de Zeus, Céu e Crono também são possuidores de mesma função. Por isso, as três fases cósmicas permanecem, em suas múltiplas inter-relações, irreduzíveis à cronologia linear pautada por nossa moderna concepção quantitativa e abstrata de tempo³. O reinado de Grande Zeus é a manifestação do centro de totalidade cósmica, pois ele representa o único centro da mais pura manifestação do espírito (Jaa Torrano, 1991, p. 63-65). As três gerações divinas pertencem ao mundo dos imortais.

É importante também falarmos um pouco dos mitos de Prometeu e Pandora e As cinco raças, que estabelecem os fundamentos da condição humana. Isso porque quando falamos de um Cosmos,

³ Segundo Jaa Torrano (1991, p. 79-88), em Teogonia, diz que o tempo neste mito não é cronológico como o entendemos na contemporaneidade, mas é um tempo concomitante, não marcado, não há a ideia de anterioridade e de posterioridade.

Building the way

falamos de uma forma bem generalizada, pois, embora a criação dos deuses seja o princípio de tudo, a criação dos seres inferiores é o ponto final dessa criação.

Segundo Lafer (2006, p. 57-59), a obra *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo, narra as ações de Prometeu, cuja característica são a acústica e a arte fraudulenta, que entra em conflito com o todo-poderoso Zeus, que é a figura da própria sabedoria absoluta. Também temos, nessa narrativa, os deuses Atena e Hefesto, que são os responsáveis pela criação da primeira mulher. *O belo mal*⁴ será oferecido a Epimeteu, irmão de Prometeu. Vamos aqui explicar o conflito entre o soberano e o titã⁵. Titãs e titânidas são reis e rainhas nascidos da cobertura da terra (Géia) pelo céu (Urano).

Antes dessa querela, deuses e homens conviviam de maneira harmoniosa. E é daí que irá resultar a partilha dos lotes e das atribuições. Entendamos então os fatos. Prometeu oferece um presente falsificado ao todo-poderoso, esse é o primeiro motivo da separação entre deuses e homens: o sacrifício. Zeus, embora tenha aceitado tal oferenda, fica revoltado com a fraude e resolve retirar o fogo dos mortais. O titã, porém, rouba o fogo de Zeus e o entrega aos homens. Só que o que Prometeu não esperava é que Zeus daria uma resposta à sua rebelião, dando uma mulher de presente aos homens. Nesse evento, ou seja, na chegada de Pandora, portanto, temos a confirmação da separação entre deuses e homens e, a partir daí, instaura-se a condição humana. Antes dela, os homens eram autóctones, com a primeira fêmea, surge a sexualidade. Surge então um novo ciclo que é o dos *ánthropoi* (seres humanos), passando eles a serem homens e mulheres.

Pandora simbolicamente representa o alimento que vem da terra (trabalho) e a instituição do casamento (procriação). Juntando todos os fatos, teremos os três elementos que separam os imortais dos mortais: o sacrifício, o trabalho e o casamento. Sobre as cinco raças (Lafer, 2006, p. 77-78), temos a primeira (ouro), que apareceu no período de reinado de Crono, composta por homens despreocupados e desconhecedores das penas, da miséria, da velhice, livres de todos os males. Quando morrem, viram daímones (gênios) bons, passam a cuidar dos homens, velar pela justiça e dar-lhes riquezas. Já a segunda (prata) é inferior a primeira, vivem 100 anos como crianças junto às suas mães, quando chegam a fase de adolescente morrem. São incrédulos, pois não servem nem sacrificam aos deuses. A terceira (bronze) se ocupa das guerras do deus Ares. São pessoas que não se alimentam de trigo e têm coração duro e firme.

⁴ Há uma ambiguidade nessa construção sintagmática, ou seja, a mulher é um bem e ao mesmo tempo causa da desgraça dos homens.

⁵ Segundo Lafer (2006, p. 63), os titãs nascem da terra e do fogo do sol, não necessitam da união entre macho e fêmea. Por causa da origem seca e ígnea, eles estão sempre distantes da deterioração, do envelhecimento e da morte.

Building the way

Também são fortes e invencíveis, mas desfalecem com seus próprios braços e, ao morrer, vão anônimos e sem glória para o Hades. A quarta (de heróis) é uma geração de guerreiros, criados por Zeus, mais valente e justa e são chamados de semideuses. Morrem como heróis e viveram com as almas tranquilas na Ilha dos Bem-aventurados. E, por fim, a última, raça de ferro, lamenta não ter sido gerada antes nem depois dela. É importante observar que temos uma certa degradação das gerações que se seguem, sendo interrompida tal decadência apenas na geração dos heróis, pois é superior à anterior, já a última é a mais desgraçada.

Compreendendo o Mito de Criação Judaico-Cristão

Shedd (2008), ao falar do mito de criação judaico-cristão, diz que o livro de Gênesis é dividido em duas partes: (1) a primeira conta a história da humanidade primitiva e (2) a segunda trata da história do povo escolhido. Nesta seção, vamos apenas nos deter em explicar algumas questões relacionadas à formação do mundo primitivo, ou seja, a primeira parte do livro de Gênesis.

Segundo Shedd, alguns estudiosos da Bíblia creem que o mundo foi construído por um Deus Pessoal e não por uma força cega e sem inteligência como acreditam alguns povos antigos. No mito de criação judaico-cristão, temos um caráter extremamente especulativo, pois tudo e todas as criaturas são criados do nada (Gênesis: 1:21). Em *O Livro das Religiões*, Hellen, Notaker e Gaarder (2000, p. 38) explicam que o Deus na visão ocidental é criador, todo-poderoso e único (ideia monoteísta).

Falando agora da criação máxima, o homem, Shedd fala que o fato de a Bíblia o citar como imagem e semelhança de Deus significa que é dotado de faculdade de raciocínio, emoções e agir voluntário. Ou seja, é a verdadeira coroa da criação que tem a capacidade de manter a mais íntima comunhão com seu criador (Gênesis 1: 27). Agora, quando as Escrituras tratam do descanso no sétimo dia, isso quer dizer que tal descanso significa a cessação do trabalho criador e sua satisfação diante de tudo que foi realizado.

A Bíblia também relata o processo em que se deu a criação do gênero feminino. Veja que é uma ramificação do homem. Foi criada da costela de Adão, logo apresenta a mesma essência dele. Então, podemos compreendê-la como a segunda coroa da criação. O referente à queda do homem, Shedd explica que *o pecado* em si não representa uma autoria de Deus e nem do homem, porque Jeová é em essência Bom e a criatura como ser criado compartilha deste atributo. Na verdade, o pecado é algo que vem de fora, isto é, foi introduzido no mundo pela serpente, *Satanás*. Muitos entendem o pecado como a entrada do conhecimento, isso porque o homem passou a ter consciência do bem e do mal, mas, na

Building the way

Bíblia, o caráter deste conhecimento é negativo, pois representou a desobediência do homem perante Deus. O fato de Adão ter colocado a culpa em Eva, não representa que ela seja a responsável pela entrada de todos os males no mundo, como, por exemplo, ocorre com a personagem Pandora, em *Os trabalhos e os dias*. Ambos foram responsáveis por seus atos. (Gênesis 3:1-13) Daí temos, nos versículos 14, 15, 16 e 17 do capítulo 3 de Gênesis, o surgimento do trabalho, das dores de partos e outros males possíveis que assolam a humanidade, tudo consequência do pecado.

Sobre a separação entre o divino e o humano, observa-se que, conforme determinadas tradições religiosas, essa ruptura é atribuída ao pecado. Segundo Hellern, Notakek e Gaarder (2008, p. 38), essa tradição interpreta o pecado como o desejo humano de se igualar a Deus e não se submeter ao Criador. Após esse evento, entende-se que surge a necessidade, dentro dessa perspectiva, de restabelecer a relação com o divino. Nesse contexto, a religião é apresentada como um meio por meio do qual se busca retomar a comunhão com Deus (Gênesis 3, p. 23).

Analisando os Arquétipos dos Mitos de Criação

Nesta seção, vamos dar conta dos modelos primitivos básicos que Campbell (1990, p. 53) compreende como *ideia em comum dos mitos*. O que isso significa? Nessa perspectiva, nossa mente nunca será considerada um elemento sem história, diferente do corpo em que ela está contida. Essa *história* não é aquela que a mente constrói através de referências conscientes com caráter de uma tradição do passado através da linguagem. A ideia é de um desenvolvimento biológico, pré-histórico e inconsciente do homem primitivo, de uma psique, um dia, muito próxima do animal.

Para Jung (2008, p. 117-118), há dois tipos de símbolos a serem analisados: os naturais e os culturais. Os símbolos naturais, segundo ele, originam-se dos conteúdos inconscientes da psique e representam uma vasta gama de arquétipos essenciais. Já os símbolos culturais são usados para expressar verdades universais e frequentemente aparecem em diversas religiões ao redor do mundo. Eles têm o poder de se transformar em imagens coletivas nas sociedades civilizadas. A análise que será realizada se concentrará justamente nesse segundo tipo.

Seguindo a análise, iniciaremos nosso trabalho através do mito grego e para cada subtema faremos o cruzamento das ideias tentando provar que esse coletivo inconsciente realmente existe, faz-se presente até hoje e não temos consciência disso. Primeiramente, faremos menção do *criador soberano* das três tradições míticas. No mito grego, temos uma sucessão de seres criadores. Mas a Teogonia deixa bem claro que, embora seres como Kháos, princípio cosmogônico, potência que instaura a

Building the way

procriação por cissiparidade, e Êros, princípio cosmogônico, que instaura a procriação por união de dois elementos diferentes, masculino e feminino, sejam anteriores a Zeus na narrativa de criação, ele não têm o status de soberano como é o Cronida⁶. Nem mesmo Crono, que é pai de Zeus, poderia sê-lo. Para compreender isso, temos que retomar algumas análises de Torrana (1991, p. 79-88), que explica como se dá tal ideia na Teogonia. Segundo Torrano, o tempo neste mito não é cronológico como o entendemos na contemporaneidade, mas é um tempo concomitante, não marcado, não há a ideia de anterioridade e de posterioridade. Logo, todos os acontecimentos dentro da narrativa se dão de forma concomitante. Isso significa que cada deus criado apresenta existência própria e independente de outra divindade. E uma outra coisa interessante na cosmologia grega é o fato de a narrativa dizer que, por desígnio de Zeus (o próprio filho), Crono seria dominado por um filho que ainda não havia nascido. Isso demonstra bem essa ideia de que o tempo desse mito não é cronológico (Torrano, 1991, p. 53).

Fechando o tema sobre os seres soberanos, nas duas narrativas, falaremos um pouco de Deus Criador presente na Bíblia. Segundo Shedd, o Deus Pessoal bíblico é anterior a todas as coisas. Logo, seu princípio é a soberania, não foi criado, mas é criador. Isso está presente na seguinte passagem bíblica: *No princípio, criou Deus os céus e a terra.* (Gênesis 1: 1) É importante ressaltar que diferente do que ocorre na narrativa grega, aqui temos a presença de apenas uma divindade. Por exemplo, em *O Livro das Religiões*, Hellern, Notaker e Gaarder (2000, p. 38) declaram que a visão ocidental, sobre as divindades, é monoteísta. Pode-se até questionar tal ideia pelo fato de a Bíblia citar o Deus Cristão como *trindade*, mas isso é uma característica. *Pai, Filho e Espírito Santo* são uma só divindade.

Fechando essa primeira discussão, Campbell (1990, p. 217-219) explica os variados deuses nas diversas culturas espalhadas pelo mundo. Por exemplo, no pensamento ocidental, Deus é fonte última ou causa primeira dos mistérios universais. Já, em boa parte do pensamento oriental e também dos povos primitivos, os deuses são manifestações de uma energia que é determinante no mundo, mas impessoal. O último exemplo de divindade seria mais um meio de alcançar uma dádiva. Sobre o caráter dos deuses, ele dirá que existem deuses da violência, da compaixão, deuses que unem os mundos do invisível e do visível e deuses que são protetores de reis ou nações (é o caso dos judeus e gregos) em suas campanhas de guerra.

Também, segundo Jung, os símbolos culturais são aqueles utilizados para falar das verdades consideradas eternas, são utilizados nas

⁶ O termo Cronida tem origem na mitologia grega. Refere-se aos filhos de Cronos (ou Crono), o titã do tempo.

Building the way

muitas religiões no mundo. Por exemplo, em Semiótica, o símbolo não representa um objeto em virtude de sua qualidade, nem por manter em relação ao seu objeto uma relação de fato, mas extrai seu poder de representação porque é portador de uma lei que, por convenção ou pacto coletivo, determina que aquele signo representa seu objeto. Portanto, podemos dizer que o símbolo representa não algo singular, mas um tipo geral. Disso compreendemos que, o tema sobre um Criador Soberano, cujas comunidades são geralmente nômades e formadas por guerreiros, leva-nos na direção de deuses guerreiros como Zeus e Jeová. Por exemplo, em Gênesis, a tribo de Jacó varreu a cidade de Siquém do dia para a noite – segundo Campbell (1990). Sendo assim, na perspectiva semiótica, os signos compreendidos como uma lei, irão representar algo com caráter de um tipo geral.

Outro tema interessante é a figura feminina nas narrativas míticas. No mito grego, a figura feminina é representada por Pandora, que simboliza *o belo mal*. Vamos compreender onde está tal ambiguidade em Pandora. Na narrativa, Prometeu, personagem caracterizado pela astúcia, oferece, ao todo-poderoso, uma oferenda falsa, esse fato, segundo Lafer (2006, p. 60), é o primeiro motivo da separação entre deuses e homens: o sacrifício. Ou seja, Zeus aceita a oferenda, mas ira-se ao descobrir que foi enganado e resolve retirar o fogo dos mortais. Daí, surge uma atitude ainda pior de Prometeu, que foi o fato de ele ter roubado o fogo de Zeus e o entregado aos homens. Irado, Zeus resolve dar aos homens *um presente divino (ou castigo)*, Pandora. Nesse evento, ou seja, na chegada de Pandora, portanto, temos a confirmação da separação entre deuses e homens e, a partir disso, instaura-se *a condição humana*.

Outra figura importante é a de Eva. Simbolicamente representa a figura da desobediência, origem ou fonte da separação entre Deus e o homem. Isso está presente no trecho bíblico em que há o relato do momento em que o Criador chama por Adão e Eva e eles se escondem. Nessa passagem, fica bem claro o fim de uma relação de intimidade para uma de temor, observe o que está escrito: “Quando ouviram a voz do Senhor Deus, que andava no Jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do Senhor Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim” (Gênesis 3:8).

Sobre a figura feminina, devemos compreender simbolicamente, de uma forma bem geral, um certo valor semântico de desequilíbrio, ou seja, a transformação de uma ordem já estabelecida nas 2 narrativas. Na primeira, em *Os trabalhos e os dias*, estamos diante de um presente dado pelos deuses que carrega todas as mazelas da humanidade. E, na última, Eva, que desobedece a uma ordem do Senhor e é punida juntamente com Adão e a serpente. Vemos, portanto, que, mais uma vez, há uma interpretação do signo (legi-signo) como lei, dentro de uma

Building the way

coletividade, sobre certa (in)consciência coletiva do papel da mulher nas duas histórias.

Outro tema muito interessante nesses mitos de criação faz referência ao acesso do conhecimento alcançado pela humanidade. O que nos importa aqui é que esse conhecimento tem *um mediador*. Os mediadores tanto do mito grego como do judaico-cristão são compreendidos como personagens que provocam a ira dos deuses.

Em *Os trabalhos e os dias*, Lafer (2006, p. 61) diz que o personagem Prometeu pode ser considerado o pai do conhecimento para os gregos. Sua atitude de roubar o fogo – simboliza o conhecimento – significa a possibilidade de o gênero humano não necessitar mais dos favores divinos. Ou seja, eles agora são capazes de projetar sua própria sobrevivência, pois já possuem a técnica para tal fato. É claro que tal atitude do titã causa a ira do todo-poderoso e o afastamento total e completo entre deuses e homens. Surge do supracitado, então, o início da *condição humana*. Embora a atitude de Prometeu pareça boa aos olhos dos homens, ela é negativa aos olhos do todo-poderoso Zeus. Sendo assim, ocorrerá por parte dos deuses uma punição exemplar.

No mito bíblico, a atitude da serpente é bastante idêntica à de Prometeu. Ou seja, ela, na verdade, dá ao casal a oportunidade de conhecer o bem e o mal (conhecimento). Nesse caso, o elemento que simboliza o conhecimento é *o fruto da árvore do bem e do mal*. Porém, essa atitude deixou o Senhor Deus muito chateado. Surge daí a separação do humano com o divino. Isso é possível de ser visto na seguinte passagem:

E chamou o Senhor Deus ao homem e lhe perguntou: Onde estás? Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi. Perguntou-lhe Deus: Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore que te ordenei que não comesses? (Gênesis 3: 9-11)

Sobre o tema *acesso ao conhecimento*, nas duas narrativas, temos elementos diferentes para representar a ação de conhecer. Na grega, temos Prometeu roubando de Zeus *o fogo* (conhecimento) e dando aos homens. Seguindo a discussão, há, no mito de criação judaico-cristão, a ação de conhecer representado no ato de Adão e Eva comer *o fruto da árvore do bem e do mal*. Em uma leitura mais atenta, podemos entender que, embora os objetos variem, o legi-signo, constituído como uma convenção coletiva, não deixa de significar *o conhecimento*.

Finalizando, falaremos rapidamente sobre o tema *separação*. No mito grego, Prometeu é o personagem que marca essa ruptura. Isso ocorre, quando o titã provoca a ira do Cronida. Naquele momento,

Building the way

homens e deuses se separam e a retomada desse contato só será possível através *dos sacrifícios*.

Já no mito judaico-cristão, Adão e Eva recebem as instruções do Senhor Deus, mas, infelizmente, sua incredulidade faz com que eles comam do fruto do bem e do mal. Deus fica irado com a atitude deles e assim ocorre *a expulsão do homem do paraíso*. Eles são, portanto, jogados à sorte do mundo coberto de mazelas.

Campbell (1990, p. 56-57) discorre sobre o tema *separação*, explicitado acima. Segundo o filósofo, essa temática ocorre geralmente por culpa de alguém – por ter comido o fruto proibido ou por ter dirigido palavras erradas – e tal culpa deixou alguém furioso. No mito grego, há a atitude maliciosa de um titã diante do supremo Zeus. Essa ação faz com que o Cronida dê aos humanos um estado de miséria. Há um desprestígio do gênero humano diante dos deuses. Quanto ao mito bíblico, Jeová expulsa os homens do paraíso, eles não puderam mais se apresentar diante da deidade. Agora há a necessidade de sacrificar para que possa existir uma reaproximação entre ambos (ruptura do céu com a terra).

Considerações finais

Este trabalho teve como proposta trabalhar a ideia de arquétipo presente nas duas narrativas de criação. O objetivo era discutir a presença dos mais variados temas e observar como eles se apresentam em narrativas de culturas distintas. Dentro do tema central, há as temáticas *do Criador Soberano, da figura da mulher, do conhecimento e da separação* (céu x terra). Para dar base à nossa análise, utilizamos alguns conceitos de Campbell (1990) sobre mito, simbologia e as ideias sobre signo presentes na Semiótica (SANTAELLA, 1986).

Nos dois mitos, foi possível visualizar a presença do tema *Criador Soberano*. O interessante é que, nas duas histórias, embora haja uma variação de roupagem, é possível entender que o personagem se apresenta como um ser dotado de poderes e responsável pela sorte de determinado grupo. E, quando vamos analisar o simbolismo presente nele, compreendemos que o conceito de legi-signo (signo) funciona perfeitamente como lei, pois há um conceito de generalidade sobre o assunto tratado.

Ao tratar *da figura da mulher*, foi possível perceber que é um tema bastante recorrente nas narrativas de criação. Simbolicamente, podemos dizer que as mulheres dos dois mitos parecem ser as responsáveis por todo tipo de mazela adquirida pela humanidade. Logo, o conceito pierciano de legi-signo funciona perfeitamente em nossa análise.

Building the way

Falando agora sobre o tema *conhecimento*, é possível visualizar que, em todas as histórias, há sempre um elemento que, embora distinto, é o legi-signo (símbolo) que faz referência ao conhecimento/técnica que entra em determinado grupo ou sociedade.

Por último, discorreremos sobre o tema *separação*, ela reproduz bem o que hoje compreendemos como a ruptura entre céu e terra. Simbolicamente, essa divisão, enquanto lei, legi-signo, significa uma desavença entre deidade e homens. *Essa desavença ocorre sempre por causa de uma desobediência.*

Finalizando, podemos dizer que a ideia de base presente nas duas narrativas se confirma. Logo, confirma-se a perspectiva defendida por Campbell segundo a qual as narrativas míticas de diferentes culturas compartilham estruturas arquetípicas semelhantes. E, sobre o conceito de legi-signo, segundo Santaella (1986), pode-se perceber que simbolicamente todos os elementos carregados de simbolismo são generalizantes, logo há um conceito de convenção presente neles.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 2. ed. São Paulo: **Sociedade Bíblica do Brasil**, BÍBLIA SHEDD, 1997.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Org. por Betty Sue Flower; tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno: arquétipos e repetição**. Tradução de Aguiar, Maria Lúcia Machado. 6. ed. São Paulo: Hermetica, 1991.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GUSDORF, Georges. **Mito e Metafísica – Introdução à Filosofia**. Trad. Hugo di Prímio Paz. São Paulo Ed. Convívio, 1979.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias: introdução, tradução e comentários** Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 2006.

JUNG, Carl.G. **Septem Sermones ad Mortuos**. Zürich: [Privadamente impresso pelo autor], 1916.

Building the way

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Concepção e organização Carl G. Jung; tradução de Maria Lúcia Pinho. 2. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. 4. ed. Editora: Brasiliense S.A. São Paulo, 1986.

LAFER, Mary de Camargo Neves. **Os trabalhos e os dias de Hesíodo**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

PEIRCE, Charles Sanders. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Vols. I–VI, organizados por Charles Hartshorne e Paul Weiss (1931–1935); Vols. VII–VIII, organizados por Arthur W. Burks (1958). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931–1958.

TORRANO, Jaa. **Teogonia: a origem dos deuses**. Tradução e estudo de Jaa Torrano. 6. ed. São Paulo: Iluminuras, 2006.

Submetido em: 04/03/2025

Aprovado em: 10/06/2025

Publicado em: 31/07/2025